

A Cidade Contemporânea A Visão de Piranesi

Odiléa Helena Setti Toscano

Professora Assistente Doutora da FAUUSP.

Resumo

Aborda-se o espaço urbano considerado através do trabalho de Giovanni Battista Piranesi, um arquiteto e gravador veneziano do século XVIII. O trabalho consiste de leitura crítica de algumas séries de gravuras do artista, de um estudo teórico que inclui uma discutida biografia, como também de uma análise de sua educação, tendências e influências.

*Extraído da Tese de Doutorado "A cidade contemporânea, a visão de Piranesi", maio 1989.
Orientador: Júlio Roberto Katinsky.*

Abstract

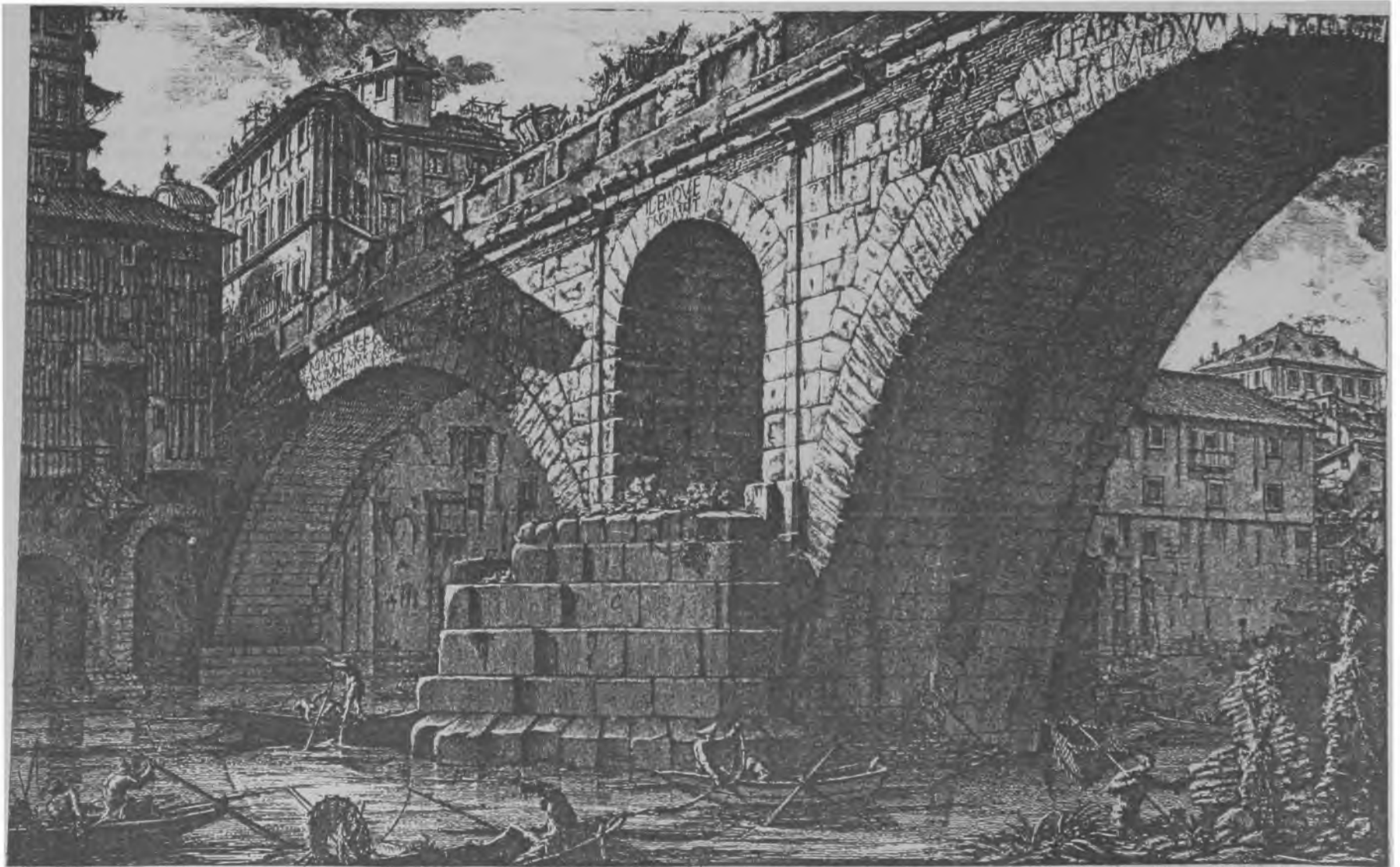
The main subject of the thesis "*A cidade contemporânea, a visão de Piranesi*" (The contemporary city, Piranesi's view) is the urban space considered through the work of Giovanni Battista Piranesi, a Venetian architect and etcher of the XVIIIth century.

It consists of a critical reading of some series of etchings of the artist, followed by a theoretical study, which includes a discussed biography, as well as an analysis of his education, tendencies and influences.

Fig. 1
 Giovanni Battista Piranesi (1720/1778)
 "Carceri" XIV – 2º estado, gravura em
 metal, água-forte, 530 x 410 mm.



Fig. 2
 Giovanni Battista Piranesi (1720/1778)
 "Antichità Romane, Veduta".



*VEDUTA del Ponte Fabricio oggi detto quattro Capì. Questo Ponte è spogliato nel di sopra de' suoi antichi finimenti, et ornamenti, i quali per avventura rendevano un'Opera intera, quale essere doveva nel suo primiero stato. A. Ritratto moderno di Mammi in mancanza de' traverni antichi. B. Pavimenti moderni di mattoni * qui si sono cancellati i Carceri. C. Specime aggiunto da Consoli posteriori a Fabrizio, si riconosce il nuovo intaco in D. non eguagliando esso la primiera Fabbrica. E. Parte de' Mavigli portata via dall'acqua nell'escursione dell'Anno santo 1753. F. Polo dell'Acqua in tempo di Sogno. G. Quartiere de' soldati per guardia del Tr. severo. H. Ditcho degli Ebrei, et. Abitazione de' Cristiani attaco a mammi del Ponte, continuavano colla Chiesa. I. K. Rovine, et grandi magli della Ponte, et Rucchi del Portico dietro la scena del Teatro di Marcello.*

Nossa tese tem como tema central os espaços urbanos focalizados através da obra gráfica de Giovanni Battista Piranesi, arquiteto e gravurista veneziano, considerado um dos maiores mestres da escola italiana do "settecento". Nascido em Pirano, território de Veneza, em 1720, viveu 40 dos seus 59 anos em Roma, sua cidade de adoção. Apaixonado pela magnificência da capital italiana, por seus edifícios, praças, monumentos e ruínas, trabalhou incansavelmente desenhando e gravando seus espaços. Seus álbuns foram editados em Roma enquanto ali viveu, e em Paris, depois de sua morte, e fazem parte hoje do acervo universal de bibliotecas e museus. Dentre as séries de águas-fortes que produziu, mencionamos as "Antichità Romane" e os "Carceri", sobre as quais nos detivemos mais detalhadamente em nossa pesquisa.

Além do incontestável mestre da gravura que foi, Piranesi era um profundo conhecedor da antigüidade, tendo pertencido à Sociedade dos Antiquários de Londres. Conviveu por longo tempo com artistas da Academia Francesa em Roma e trabalhou também ao lado de arquitetos ingleses que se instalaram por alguns anos na Itália, influenciando-os com seu gênio e com sua visão fantástica do espaço. Inventou o "stile colossal", alterando relações e conferindo especial monumentalidade aos edifícios e ruínas de Roma e de suas vilas. Seu trabalho está fortemente ligado à concepção dos Valeriani e Bibiena, ao desenho do teatro ¹.

A série dos "Carceri" é um dos seus trabalhos mais importantes, que embora tenha sido mais amplamente divulgado após a sua morte, representou mais tarde a vertente efetiva para o conhecimento do conjunto de sua obra, pelo significado talvez dessas prisões fantásticas.

Nas 16 gravuras intituladas "Carceri d'Invenzioni", o artista revela a presença de uma imaginação criativa poderosa na concepção de fantasias arquiteturais, de espaços inusitados, carregados de tensões que transmitem ao observador, sentimentos de angústia e opressão. Nelas aparecem os elementos da arquitetura romana, dispostos e relacionados segundo uma visão romântica e grandiosa. Por isso mesmo os "Carceri" inspiraram textos e poemas de tantos escritores românticos, como Baudelaire, Hugo, Gautier, de Quincey...

Sobre os "Carceri", de extrema modernidade, Vincent Scully Jr. escreve: "proféticas por seu título, essas gravuras o eram também por suas formas. Se bem que inspiradas em desenhos anteriores de decorações barrocas de teatro, e guardando qualquer coisa da assimetria do rococó, essas composições projetam nada menos que uma imagem nova numa escala massiva. Nelas a hierarquia, a expansão e a liberação emocional do espaço arquitetural barroco, tais como as encontramos nas 'Scale di Spagna', vêem-se rejeitadas em favor de uma divagação espacial complicada, não revelando o motivo da viagem, que é portanto impossível de se conhecer. Os homens se reduzem no ambiente ameaçador de massas assustadoras, e esse elemento vertical, a coluna, contra a qual estão acostumados a medir seu tamanho e porte, daí em diante desaparece, enquanto que os arcos se projetam em órbitas que se contrariam, diretamente a partir de suas bases, com argolas pendentes, sobre as escadas. É já o fim do antigo mundo humanista, cujo eixo é o homem, seus valores fixos, e o início da idade das massas, da história moderna e dos seus movimentos em conflito.

Embora Piranesi tenha considerado a antigüidade como um estímulo para a criação, jamais se afastou das suas preocupações com o "design" moderno, e daí decorre ter produzido uma obra tão diferenciada em seu tempo. Segundo Stefano Susino, "para Piranesi", a relação com a antigüidade é sobretudo relação dialética, do mundo atual com a história passada.

Sua paixão pela arquitetura fez com que representasse nas gravuras, a presença do antigo e do novo, o monumental e outras estruturas justapostas que denunciam as transformações no tempo, o crescimento de algumas áreas e a decadência de outras, em uma palavra, aquilo que John Wilton-Ely chama de "palimpsest arquitetural".

Piranesi gravou os espaços da sua cidade contemporânea, desde as ruínas da lendária Roma imperial, passando pelos monumentos e construções renascentistas, como S. Pedro e Campidoglio, de Michelangelo, detendo-se nos aspectos mais expressivos

(1) O desenho do teatro é uma constante na obra de Piranesi. Supõe-se que tenha sido treinado junto aos irmãos Valerieni, em Veneza, e que tenha conhecido os tratados dos Bibiena, Ferdinando e Giuseppe Galli, publicados entre 1711 e 1740.

Fig. 3
Giovanni Battista Piranesi (1720/1778)
"Carceri" III, 510 x 410 mm.

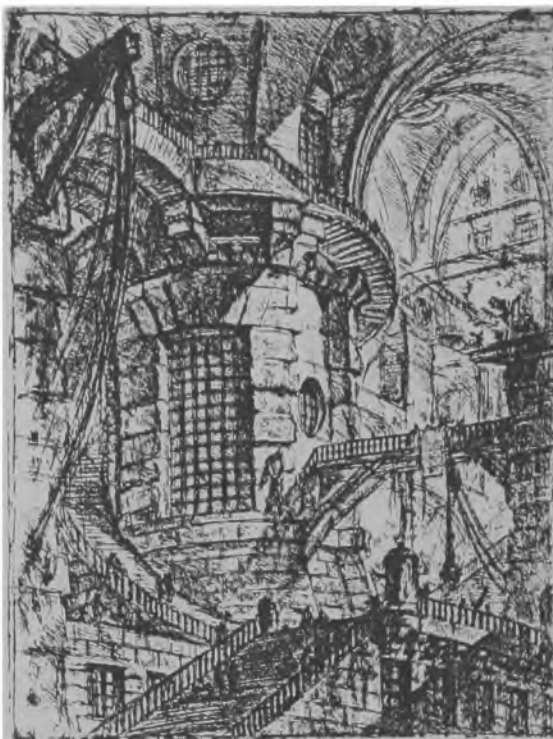


Fig. 4
Leitura gráfica, 1988, sobre a gravura dos
"Carceri" III.



da cidade barroca moderna, de grandes eixos que apontam para praças basilicas, palácios, fontes, aos quais estão associados os nomes de Borromini, Bernini, Salvi e Vanvitelli, entre outros. A Roma do século XVIII somava às ruínas da antiguidade, a presença da cidade dos papas, sob cuja "patronage" se ergueram tantas obras de arquitetura. Assemelhava-se também a um grande espaço cênico que Piranesi trabalhou com uma profunda consciência de tridimensionalidade, registrando a presença da figura humana com a acuidade de um verdadeiro cronista.

Piranesi captou também em suas gravuras, de forma muito particular, a luz tirrena, tão diversa da atmosfera de Veneza, aquela de contrastes marcados, esta, suave e difusa, de beira-mar. O emprego do "chiaroscuro" identifica e marca a obra do mestre da água-forte. Conversando com suas placas de cobre, exclamava: "Tu serás tijolo, tu serás mármore... Veremos se não vos transformareis no sol da Itália" ².

Seria impossível escrever este texto sem falar de Piranesi, e é difícil fazê-lo em pouco espaço, não só pela sua personalidade vigorosa, multifacetada, mas principalmente pela expressão e talento que emanam de sua obra.

Nossa tese se constitui essencialmente de uma leitura crítica de algumas séries de gravuras e desenhos do artista italiano, traduzida em experiência gráfica, cujos resultados não se pode aqui descrever. Produzimos 32 desenhos, num processo de decifrar os espaços descritos por Piranesi, nos quais fomos apontando, aliada a escrita à linguagem gráfica, as soluções de composição, de planos perspectivos, de emprego de luz, de tridimensionalidade, do tratamento dado às figuras, da ênfase emprestada aos edifícios, aos sistemas construtivos e materiais, enfim, de tantos outros elementos que constroem o universo piranesiano.

Falando mais particularmente do processo que gerou a escolha do tema a ser desenvolvido, podemos afirmar de início que pesou a estreita afinidade entre nós e o artista, no que se refere à representação do espaço de edificações e urbanos, e de como ela se reverte e se projeta no pensar novos espaços: preocupação que rege toda a ação dos arquitetos.

Por outro lado, não inventamos a importância da obra de Piranesi que é citada pela maioria dos teóricos e historiadores contemporâneos da arquitetura, a exemplo de Leonardo Benévolo, Manfredo Tafuri, Vincent Scully Jr. e tantos outros, mas ficamos profundamente motivados por tudo aquilo que transparece nas suas gravuras.

Esse é o ponto chave, o projeto de um trabalho, a mola que nos leva a eleger um objeto de estudo.

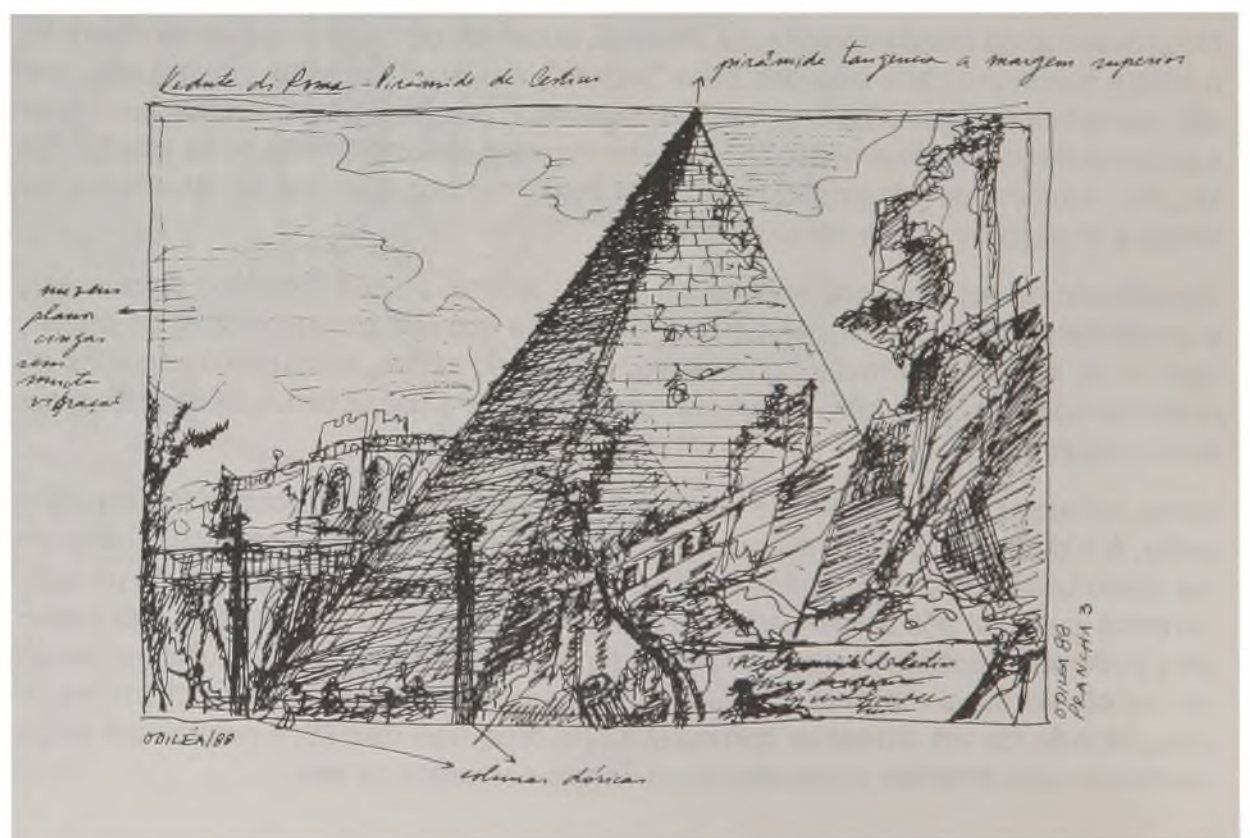
No redesenho da cidade contada por Piranesi, pudemos perceber o quanto de invenção o artista revela em cada uma das suas "vedute", nas suas fantasias arquiteturais, que são verdadeiros projetos de organização espacial. É preciso portanto colocar em relevo essa experiência de reconstrução, à nossa maneira, de uma infinidade de junções de luz, de volumes, de vegetação pujante, da figura humana que cria as referências de tempo e espaço na cidade contemporânea.

Se tivéssemos desenvolvido apenas um estudo teórico, de que dispomos de dezenas, e excelentes, não teríamos percorrido o caminho a que nos propusemos: o de recriar, com muita liberdade, através do desenho, realizando cortes, enfatizando aspectos de maior ressonância para nós, assumindo paralelamente a nossa condição de artífice, artista e arquiteto.

Ainda um aspecto importante que de certa forma justifica a nossa postura frente ao trabalho, é o da projeção de uma obra no tempo. Se examinarmos os projetos de arquitetos como Ledoux, Boullée, e mais adiante, Labrouste, apenas para citar alguns poucos, veremos que eles são perpassados de concepções espaciais piranesianas. Por extensão, podemos identificar essas concepções pontilhando a produção arquitetural do início do século até o movimento moderno. Se esses fenômenos se produziram em ciclos, através de um processo cultural que não cabe aqui discutir, é natural que se os identifique para entender a importância de certos momentos na arte.

(2) Henry Focillon foi um dos grandes estudiosos da obra de Piranesi. Publicou pela primeira vez seu trabalho em 1918, baseado na análise da obra do artista e nas biografias escritas por Ludovico Giovanni Bianconi e Jacques Guillaume Legendre. Seu estudo constitui fonte importante, assim como o de Gleseck (1911), para outros autores que se dedicaram à análise da obra piranesiana, como, John Wilton-Ely, Hylton Thomas, Roseline Bacou, Miranda Harvey, Hershel Levit, G. Ostermann, Felice Stampfle, entre outros.

Fig. 5
 Leitura gráfica, 1988, sobre "Vedute di Roma".



O século XVIII, particularmente, foi palco de grandes transformações, não só no campo das artes, mas também sob o aspecto social, político, econômico, marcado que foi pelas revoluções francesa e industrial. E é nesse pano de fundo que consideramos o nosso Piranesi, seu gênio e seu arcabouço cultural; o redesenho pode parecer um ato de intuição, à primeira vista, mas envolve uma carga de informações que se mesclam à subjetividade e à emoção.

Trabalhamos com afinco, mas também com extremo prazer, utilizando os recursos de desenho que adquirimos em longos anos de experiência. Acreditamos ter produzido um conjunto independente de imagens.

Anexamos aqui uma pequena amostragem dos desenhos que, como já assinalamos, é o próprio corpo da tese.

Certo que foi indispensável complementar essa leitura gráfica com um texto teórico que resumisse nossas pesquisas bibliográficas e no qual pudéssemos desenvolver a nossa própria visão. Assim, incluímos uma biografia comentada do artista, um estudo das principais características do mundo artístico em que viveu, da sua formação, pensamento e influências, em sua época e em períodos posteriores.

Para a realização desse estudo contamos com uma vasta bibliografia que teve origem com alguns biógrafos contemporâneos de Piranesi, como Bianconi e Legrand, e se avoluma sempre, até os dias de hoje, nos estudos de numerosos historiadores e críticos de arte e de arquitetura, bem como em ensaios de escritores contemporâneos, a exemplo de Marguerite Yourcenar e Aldous Huxley.

Depois de reexaminar longamente a obra gráfica de Giovanni Battista Piranesi, bem como seus escritos teóricos, tivemos a oportunidade de revisitar Roma, meses antes de concluirmos o nosso trabalho. A visão da cidade se alterara de forma definitiva pelo conhecimento da concepção do artista traduzida em suas imagens. Piranesi é um caminho que, uma vez percorrido, exclui retorno: continua incorporado a nossa mais cara e profunda experiência da cidade.

Referências Bibliográficas

FOCILLON, Henry. *Giovanni Battista Piranesi*. Paris: Henry Laurens, 1963.

SCULLY JUNIOR, Vicent. *L'architecture moderne, architecture de la démocratie*. Paris: Deux Mondes, 1962.

SUSINO, Stefano. *La vedutta nella pittura italiana*. Firenze: Sansoné, 1974.

WILTON-ELY, John. *The mind and art of Giovanni Battista Piranesi*. London: Thames and Hudson, 1978.

Fig. 6
Leitura gráfica, 1988, sobre estudo de
figuras.

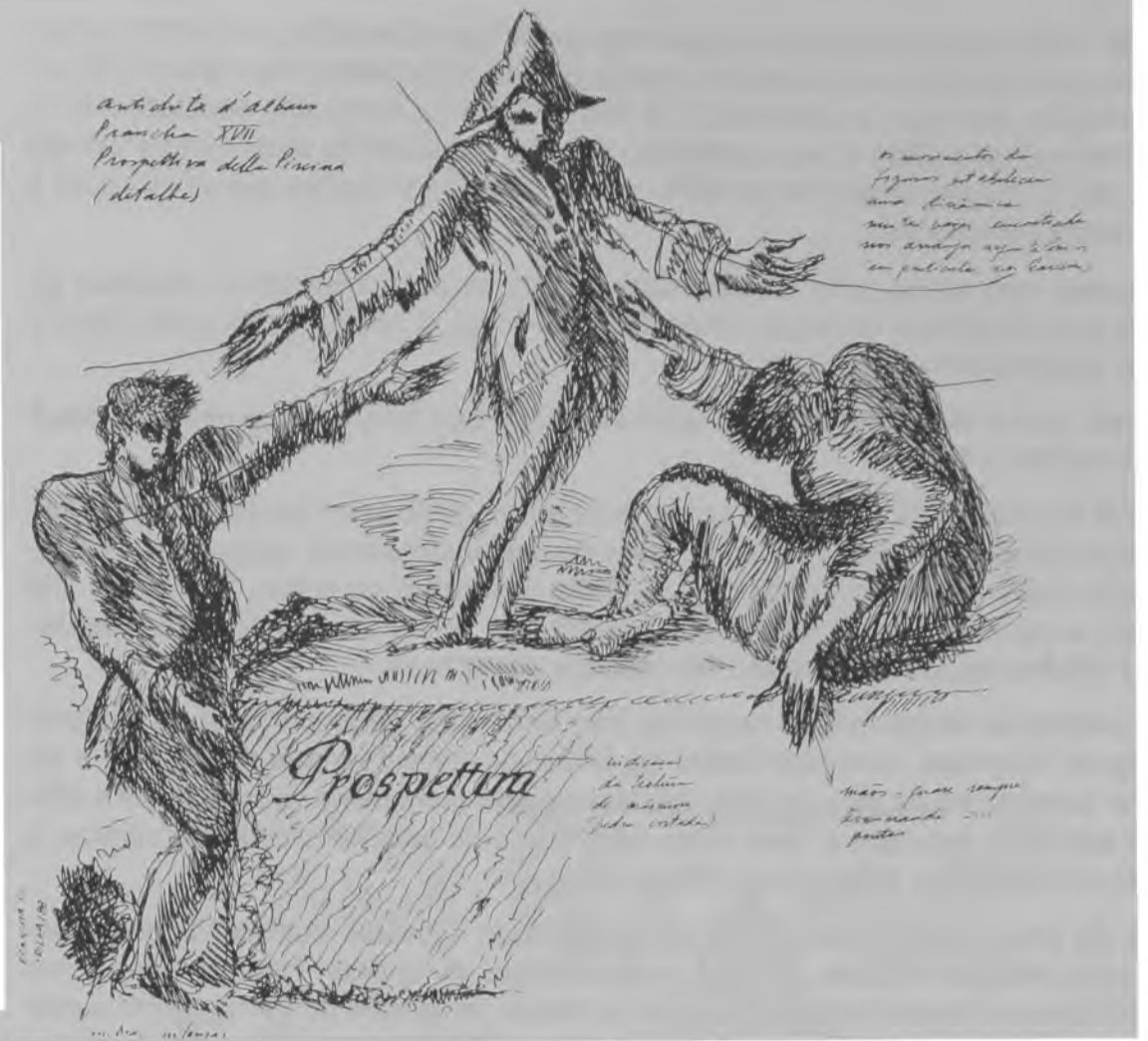
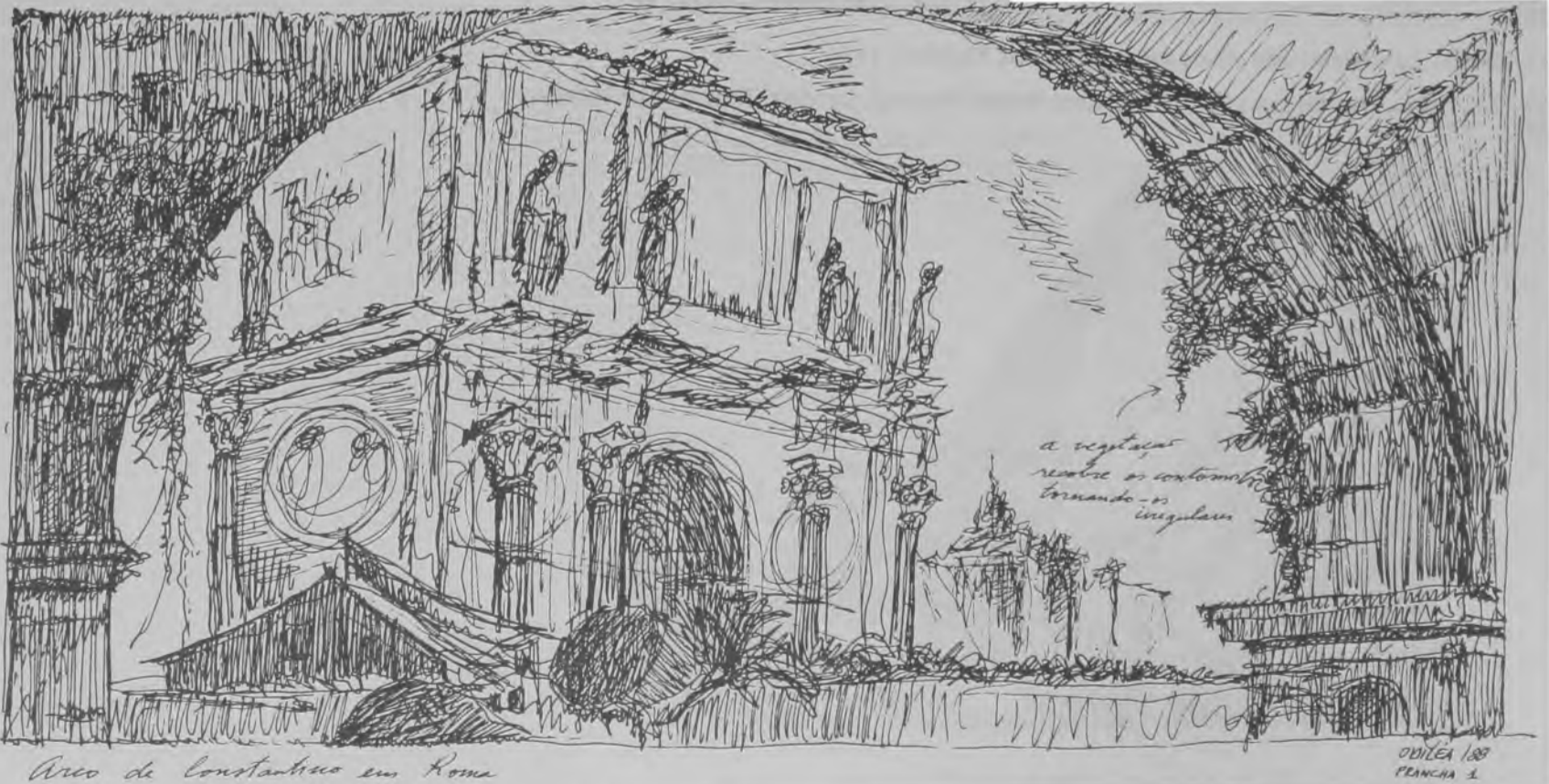


Fig. 7
Leitura gráfica, 1988, sobre uma gravura de
Giovanni Battista Piranesi, "Arco de
Constantino em Roma".



O arco no primeiro plano tangencia a margem superior da gravura e organiza a composição no mesmo tempo que enfatiza o tema principal



Arco de Constantino em Roma